

OS SIGNIFICADOS DO LEXEMA *NEGRO* SEGUNDO ABONAÇÕES DOS ESCRITORES BRASILEIROS

José Lemos Monteiro
UNIFOR

Resumo: Com base na leitura e coleta de enunciados extraídos de cerca de cem obras literárias, este estudo realiza um inventário dos significados expressos pelo lexema negro, evidenciando que o preconceito de cor está fortemente arraigado em nossa cultura. A identificação de significados quase sempre pejorativos se torna então o ponto de partida para uma reflexão sobre as motivações inconscientes reveladas pelo uso da língua, sugerindo-se assim a necessidade de uma conscientização e denúncia da forma como o negro é discriminado em nossa sociedade.

Palavras-chave: Racismo, Preconceito, Literatura Brasileira, Língua Portuguesa.

Abstract: This essay is developed based on an extensive reading study and also on field research through a hundred novels and presents a data of words that expresses color discrimination, proving that this prejudice is deeply rooted in our society. The highlighting of words that mean prejudice becomes the first step for a reflection on the unconscious motivations revealed through the language use, suggesting the need of an awareness and reveals the way that blacks are discriminated in our society.

Key words: Racism, Prejudice, Brazilian Literature, Portuguese Language.

1. Introdução

Pretende-se com este estudo demonstrar, a partir das conotações sugeridas pelo lexema *negro*, que o preconceito racial no Brasil é mais forte do que se possa imaginar. A investigação se baseia na coleta de enunciados em obras literárias pertencentes aos mais diversos gêneros e estilos, no intuito de desvendar os valores ou significados sociais freqüentemente manifestos. Os dados analisados são por si capazes de inferir o tipo de motivações e atitudes discriminatórias reveladas pelo uso da língua.

Na realidade, o que se costuma defender e difundir entre nós é um pressuposto falso de que o povo brasileiro é livre do preconceito racial. Admite-se que todos os cidadãos têm iguais direitos e deveres e, com isso, tenta-se ocultar ou manter a profunda desigualdade econômica que subjaz a toda e qualquer forma de segregação social.

O que se verifica na prática é que o negro em geral sofre toda espécie de humilhações e atitudes de rejeição, reveladoras de um preconceito que, hipocritamente, se busca camuflar. Tal comportamento pode até ser percebido com facilidade no uso cotidiano da língua, desde que esta cumpre a função de expressar a própria cultura. Ou seja: o brasileiro denuncia em suas formas de manifestação lingüística um sentimento de desvalorização ou de aversão ao negro e, de modo oposto, uma atitude de apreço e respeito pelo branco.

Com efeito, a todo instante, ouvimos e empregamos construções que ratificam esse preconceito. Basta observar que o Dicionário Aurélio registra uma série dessas expressões correntes na língua, em que o adjetivo *negro* tem conotações negativas: *humor negro, lista negra, magia negra, mercado negro, ovelha negra* etc. Ao que se pode acrescentar: *página negra, peste negra* e inúmeras outras. É também bastante sintomático que o referido dicionário, entre os diversos significados que atribui a *negro*, registre os de 'sujo', 'funesto', 'maldito', 'perverso' e 'sinistro'.

Foi a partir dessas constatações que se decidiu investigar o emprego do lexema *negro* nas obras dos escritores brasileiros. A convicção inicial era logicamente a de que os significados conotativos ou valores sociais e expressivos já dicionarizados poderiam ser abonados e seria possível, em função do momento histórico, analisar a evolução do preconceito racial no Brasil. Mas a perplexidade diante da forma como linguisticamente se expressa esse preconceito é tamanha que, acima de tudo, se deve tomar uma atitude de denúncia, no sentido de demonstrar a crueldade e intensidade com que se deprecia e se estigmatiza o negro em nossa sociedade.

2. O *corpus* utilizado

A pesquisa sobre os possíveis significados do lexema *negro* é apenas a primeira etapa de uma análise mais complexa, que inclui o emprego de termos de campos semânticos afins, tais como *preto*, *branco*, *alvo* etc. O *corpus* inicial se concentra na coleta de enunciados em cem obras literárias, produzidas desde o período de nossa formação até os dias atuais, nos mais diversos gêneros e estilos. Entre as obras poéticas se incluem as de Basílio da Gama, Álvares de Azevedo, Alphonsus de Guimaraens, Castro Alves, Cruz e Sousa, Cláudio Manuel da Costa, Fagundes Varela, Gonçalves Dias, Gregório de Matos e Murillo Araújo. As obras em prosa são as de Machado de Assis, Manuel Antônio de Almeida, Raul Pompéia, Martins Pena, Lima Barreto, José de Alencar, Inglês de Sousa, Euclides da Cunha, Bernardo Guimarães, Adolfo Caminha, Antônio Vieira, Aluísio de Azevedo e Alcântara Machado. Prevê-se não só aumentar, mas também diversificar a natureza do material do *corpus*, que deverá abranger uma quantidade bem representativa de autores contemporâneos, além de voltar-se igualmente para outros tipos de texto, como os jornalísticos, os didáticos, os religiosos, os jurídicos etc. Tudo isso com a preocupação de perceber, através do uso da língua em suas diversas modalidades de expressão escrita, a real dimensão do preconceito de cor existente no Brasil.

Os dados coletados até o momento constataam, de forma alarmante, que nossos escritores em geral empregam depreciativamente o lexema *negro*. É curioso que, até mesmo na poesia de Castro Alves, que tanto lutou em favor da libertação dos escravos, esse tom de menosprezo ou de algo negativo se faz presente, como prova de que se encontra sedimentado no inconsciente coletivo de nosso povo. Assim, em sua *Obra completa*, podemos destacar versos como os seguintes: “E quando a negra insônia te devora”; “Quando Ela veio — a negra feiticeira — // A libertina, lúgubre bacante”; “Hoje... o porão negro, fundo, // Infecto, apertado, imundo”; “Legiões de homens negros como a noite, // Horrendos a dançar... // Negras mulheres, suspendendo às tetas // Magras crianças, cujas bocas pretas // Rega o sangue das mães”; “Corre nas veias negras desse mármore // Não sei que sangue vil de Messalina”.

Mais curioso ainda é que a aversão ao negro é extremamente ostensiva na poesia de Cruz e Sousa, revelando traços de sujeira, culpa e pecado. Assim, canta o Cisne Negro: “O vinho negro do imortal pecado // Envenenou nossas humanas veias”; “Da negra morte tétrica velhusca...”; “Na hora glacial da negra Morte imensa...”; “Tu'alma deve ser bem negra e triste // Se os olhos são, decerto, o espelho d'alma”; “Que negro, soturno fel”; “A sombra dos supremos sofrimentos // Que te abalaram como negros ventos”; “São prantos negros de furnas // Caladas, mudas, soturnas”; “E de flores leprosas da luxúria, // De flores negras, infernais, medonhas”; “A Terra é sempre a tua negra algema”; “O mundo para ti foi negro e duro”; “Estrela negra, tenebroso fruto”; “Alma ferida pelas negras lanças // Da Desgraça, ferida do

Destino”; “Trazem-me os ventos negros calafrios // E os soluços das almas doloridas”; “Tudo negro e sinistro vai rolando.”

Com essa pequena amostra, uma dedução se impõe de imediato: se Castro Alves e Cruz e Sousa assim se expressam, o que se pode esperar de outros escritores brasileiros? E, de fato, em nossa literatura os exemplos são contundentes. Em termos estatísticos, comprova-se que, em torno de 90%, o lexema *negro* é empregado pejorativamente, com as mais variadas acepções. Ou seja, em todas as obras consultadas, há indícios fortes do tratamento desrespeitoso e nada solidário em relação ao negro.

3. Os significados negros

Com base em exemplos ilustrativos, decidiu-se levar a termo um inventário das associações a que se submete o lexema *negro*, no sentido de se perceber, conforme já insistimos, a real dimensão do preconceito racial no Brasil. Intuiu-se que um método bastante eficaz seria o de verificar os enunciados ou sintagmas em que tal lexema ocorre. A análise preliminar veio demonstrar que os significados expressos em função do contexto frasal quase sempre remetem a valores culturalmente interpretados como negativos ou pejorativos. Com efeito, excetuando-se a sinonímia com *preto* e *escuro* ou a eventual conotação de “beleza” e “sensualidade”, observou-se a associação de *negro* com uma grande diversidade de valores depreciativos. São todos esses valores que, com as abonações necessárias, serão a seguir identificados.

3.1. Preto, escuro

- Se você viesse a ter netos, queria que eles apanhassem palmatoadas de um professor mais negro que esta batina? (Aluísio Azevedo, *O mulato*, p. 13)
- Casar minha neta com filho de uma negra?! Você mesmo não se enxerga! (Aluísio Azevedo, *O mulato*, p. 179)
- Não diga asneiras! Pois você queria ver sua filha confessada, casada por um negro? (Aluísio Azevedo, *O mulato*, p. 13)
- A cor, os olhos, os dentes, o cabelo — tudo nela era um encanto: olhos puxando para negros, dentes miudinhos e de uma brancura de algodão em rama, cabelos negros e luzidios como a asa da graúna (Adolfo Caminha, *A normalista*, p. 10)

3.2. Sensual, belo, insinuante

- Fala-me antes na beleza de alguma virgem nua, na languidez de uns olhos negros (Álvares de Azevedo, *Macário*, p. 24)
- [...] os olhos, que eram a sua feição mais insinuante,— negros, grandes, lavados de uma luz úmida, como os da aurora. (Machado de Assis, *Obra completa*, p. 10)
- [...] os seus olhos negros e aveludados, cheios de ternura, os cabelos recedentes do cheiro afrodisíaco das mulatas paraenses... (Inglês de Sousa, *O missionário*, p.142)
- [...]o seu grave hino à transcendente beleza do céu negro, profundo e estrelado. (Lima Barreto, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, p. 57)

3.3. Feio, hediondo, monstruoso

- Se não fosse aquela pinta negra, que tem na face, seria mais suportável. (Bernardo Guimarães, *A escrava Isaura*, p. 47)
- Mal acordada do terrível pesadelo que acabava de ter, vendo ainda esboçada na sua imaginação a figura hedionda do negro com os bugalhos injetados (Adolfo Caminha, *A normalista*, p. 86)
- [...] não era melhor que tivesse nascido bruta e disforme, como a mais vil das negras (Bernardo Guimarães, *A escrava Isaura*, p. 30)
- Negro monstro os sustenta por baixo (Gonçalves Dias, *Poesia completa*, p. 23)
- [...] negras velhas, feias e repelentes (Inglês de Sousa, *O missionário*, p.153)
- [...] para te satisfazer, far-te-ei mulher do mais vil, do mais hediondo de meus negros (Bernardo Guimarães, *A escrava Isaura*, p. 39)

3.4. Fúnebre, soturno, lúgubre

- A mais brilhante festa religiosa (que eram as mais freqüentadas então) tomava um aspecto lúgubre logo que a igreja se enchia daqueles vultos negros, que se uniam uns aos outros, que se inclinavam cochichando a cada momento. (Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias*, p. 20)
- A noite escura // É negra como um túmulo. (Álvares de Azevedo, *Poemas malditos*, p. 59)
- Aí soube eu que meu salvador tinha morrido afogado por minha culpa. Era uma sina, e negra; e por isso ri-me (Álvares de Azevedo, *Noite na taverna*, p. 12)
- Oh! o senhor está com idéias negras! Eu não creio na morte; creio só na vida e na glória. (Machado de Assis, *Iaiá Garcia*, p. 7)
- [...] a lúgubre bandeira negra de uma revolta inesperada (Euclides da Cunha, *Contrastes e confrontos*, p. 32)
- É preciso que esse adeus seja longo como a vida. Vês, minha sina é negra: nas minhas lembranças há uma nódoa torpe. (Álvares de Azevedo, *Noite na taverna*, p. 49)
- [...] idéias lúgubres, como aves negras que pousavam de chofre num arvoredor, alvoroçadas, cantando sinistramente. (Adolfo Caminha, *A normalista*, p. 112)

3.5. Trágico, desgraçado

- [...] o futuro se lhe antolhava carregado das mais negras e sinistras cores (Bernardo Guimarães, *A escrava Isaura*, p. 15)
- [...] o quadro negro da sua desgraça futura. (Inglês de Sousa, *O missionário*, p.113)
- Todo esse encanto, a asa negra do infortúnio o apagou em um momento. (José de Alencar, *Encarnação*. p. 8)
- Agora, enchei os copos; o que vou dizer-vos é negro: é uma lembrança horrível, como os pesadelos no Oceano. (Álvares de Azevedo, *Noite na taverna*, p. 13)
- Nessa torrente negra que se chama a vida, e que corre para o passado enquanto nós caminhamos para o futuro (Álvares de Azevedo, *Noite na taverna*, p. 27)

3.6. Melancólico, triste, saudoso

- Comecei a achar a religião de insuportável melancolia. Morte certa, hora incerta, inferno para sempre, juízo rigoroso; nada mais negro! (Raul Pompéia, *O Ateneu*, p. 39)

- A segunda carroça representava o Império dos Persas, e tiravam por ela cavalos negros, cor de tristeza e luto, porque também os Persas afligiram e foram lutosos aos Hebreus. (Antônio Vieira, *Sermões escolhidos*, p. 12).
- [...] olhos grandes e negros, cheios de tristeza soberana e profunda. (Euclides da Cunha, *Os Sertões*, p. 301)
- [...] negra melancolia que devorava a pobre mãe desgraçada. (Inglês de Sousa, *O missionário*, p.12)
- Mas sua alma, negra de tristura, teve ainda um pálido reflexo para iluminar a seca flor das faces. (José de Alencar, *Iracema*, p. 23)
- [...] a negra saudade da sua vida passada o acompanhava (Inglês de Sousa, *O missionário*, p. 78)
- José da Silva sentiu mais negra por dentro a sua viuvez. (Aluísio Azevedo, *O mulato*, p. 29)

3.7. Amaldiçoado, condenado

- Maldita a folha negra // Em que Deus escreveu a minha sina. (Álvares de Azevedo, *Poemas malditos*, p. 63)
- [...] forma o negro quadro da condenação eterna (Inglês de Sousa, *O missionário*, p.42)
- E de fato apresentou com as cores mais negras, e com a ênfase mais dramática, não só o risco iminente que na sua opinião tinha corrido a casa inteira, mas os perigos que ameaçavam ainda a paz e sossego da família. (José de Alencar, *O guarani*, p. 51)

3.8. Amargo, desgostoso, angustiado

- E um desgosto negro e profundo assoberbou-lhe o coração. (Aluísio Azevedo, *O cortiço*, p. 60).
- Um negro desgosto comia-a por dentro, como tubérculos de tísica, e tirava-lhe a vontade para tudo que não fosse chorar. (Aluísio Azevedo, *O cortiço*, p. 72).
- [...] as longas horas de amargura que arrastei na minha negra solidão! (Aluísio Azevedo, *A mortalha de Alzira*, p. 71).
- Um devoram negras amarguras, // Repousam outras em marmóreo leito! (Fagundes Varela, *Poesias completas*, p. 122)
- A angústia negra o coração me morde. (Murillo Araújo, *Carrilhões*, p. 5)
- Flores negras do tédio e flores vagas // De amores vãos, tantálicos, doentios... (Cruz e Souza, *Obra completa*, p. 3)

3.9. Preocupado, desesperado

- [...] a negra preocupação que lhe haviam deixado (Inglês de Sousa, *O missionário*, p.107)
- Eram negras e desesperadas, as suas idéias. (Lima Barreto, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, p. 106)
- O mal que assim me assombra // é apenas minha sombra // que é negra-negra. Olhai! (Murillo Araújo, *Carrilhões*, p. 13)
- Não adiantava nada que o céu estivesse azul porque a alma de Nicolino estava negra. (Alcântara Machado, *Brás, Bexiga e Barra Funda*, p. 38)

3.10. Terrível, medonho, pavoroso

- Contrastando com tudo isto, destacava-se, dependurada na parede, uma formidável palmatória de dar bolos, negra, terrível e muito lustrosa de uso. (Aluísio Azevedo, *O mulato*, p. 78)
- [...] desenrolava um quadro assustador, profetizando, com as negras cores da sua experiência (Aluísio Azevedo, *O mulato*, p. 133)
- E curvei-me no abismo: tudo era negro: o vento lá gemia embaixo nos ramos desnudos, nas urzes, nos espinhais ressequidos, e a torrente lá chocalhava no fundo escumando nas pedras. (Álvares de Azevedo, *Noite na taverna*, p. 23)
- Negros pavores sepulcrais e frios (Cruz e Sousa, *Obra completa*, p. 45)
- [...] ao ouvir os gemidos cavernosos de seu peito, e os gritos de raiva rangendo entre seus dentes cerrados — no volver da mão negra de um pesadelo. (Álvares de Azevedo, *Poemas malditos*, p. 84)
- Nem se vê sol, nem lua, nem estrelas, porque as nuvens espessas e negras escondem todas as luzes do céu, e tudo no mar, para maior horror, é uma escuridade medonha. (Antônio Vieira, *Sermões escolhidos – Maria Rosa Mística*, p. 10)

3.11. Azarado, agourento, fatal

- De negro, feio agoiro, que esvoaçam (Gonçalves Dias, *Poesia completa*, p. 43)
- Já vos disse que não vejo as coisas tão negras como vós, Sr. D. Antônio. (José de Alencar, *O guarani*. p. 24)
- [...] não vê numa borboleta negra a sibila fatídica que lhe anuncia a perda da mais bela esperança? (José de Alencar, *O guarani*, p. 243)
- Do negro espectro soava. (Gonçalves Dias, *Poesia completa*, p. 47)

3.12. Invejoso, despeitado

- [...] era ainda a prosperidade do vizinho o que lhe obsedava o espírito, enegrecendo-lhe a alma com um feio ressentimento de despeito. (Aluísio Azevedo, *O cortiço*, p. 8)
- A negra mágoa, a indefinida pena... (Cruz e Sousa, *Obra completa*, p. 23)

3.13. Irônico, sarcástico

- Negro sarcasmo em lábios de poeta. (Álvares de Azevedo, *Poemas malditos*, p. 78)
- Lembra o negro sarcasmo enorme da Matéria. (Cruz e Sousa, *Obra completa*, p. 148)
- A gargalhada // Ríspida, negra, irônica, pesada (Cruz e Sousa, *Obra completa*, p. 172)

3.14. Manchado, maculado

- [...] o vapor formava um penacho de fumo negro que maculava o esplêndido céu azul dum meio-dia de dezembro. (Inglês de Sousa, *O missionário*, p.167)
- Estela não respondeu nada; cravou os olhos numa nuvem negra, que manchava a brancura do luar. (Machado de Assis, *Iaiá Garcia*, p. 42)
- Meu Deus! Meu Deus! Por que tanta infâmia, tanto lodo sobre mim? Ó minha Madona! Por que maldissestes minha vida, por que deixastes cair na minha cabeça uma nódoa tão negra? (Álvares de Azevedo, *Noite na taverna*, p. 35)

3.15. Destruído, estragado

- Há dias em que me levanto alegre e viva como uma criança; papai diz que são os meus dias azuis. Há outros em que tenho vontade de quebrar tudo, e não digo mais de duas palavras em cada hora; são os meus dias negros. (Machado de Assis, *Iaiá Garcia*, p. 71)
- Esses dous pontos negros vinham estragar a beleza azul do céu e torná-lo pesado e melancólico. (Machado de Assis, *Iaiá Garcia*, p. 92)
- Oh céus! Que negro horror! Tinha ficado // Imperfeita a pintura, e envolta em sombras. (Basílio da Gama, *O Uruguai*, p. 31)

3.16. Pérfido, mau, criminoso

- Ana Rosa, esse Raimundo tem a alma tão negra como o sangue! Além de mulato, é um homem mau sem religião, sem temor de Deus! (Aluísio Azevedo, *O mulato*, p. 169)
- Um negro pensamento lhe passava // Como um fuzil no cérebro fervente, (Álvares de Azevedo, *Poemas malditos*, p. 77)
- Vendo a conjuração pérfida e negra // Que se prepara ao crime (Basílio da Gama, *O Uruguai*, p. 31)
- Vi negras feras e serpentes pérfidas, // Demônios de furor (Fagundes Varela, *Poesias completas*, p. 131)
- [...] a tempestade agita as negras asas homicidas (Aluísio Azevedo, *O cortiço*, p. 26)
- [...] e o fato de não ser branco constituía só por si um crime. (Aluísio Azevedo, *O mulato*, p. 23)
- Vês, Bertram, esse era o meu presente: agora será, negro embora, um sonho do meu passado. Sou tua e tua só. Foi por ti que tive força bastante para tanto crime (Álvares de Azevedo, *Noite na taverna*, p. 11)
- Negras aves de rapina // Mostram a garra assassina. (Cruz e Sousa, *Obras completas*, p. 43)

3.17. Desleal, ingrato, traiçoeiro

- [...] sobre quem iam recair ainda que por momentos suspeitas da mais negra deslealdade, tudo isto eram reflexões que o enchiam da mais cruel inquietação (Bernardo Guimarães, *O ermitão do Muquém*, p. 27)
- [...] sepultar a negra ingratidão dos amigos ausentes. (Inglês de Sousa, *O missionário*, p. 110)
- [...] não haveria ingratidão mais negra do que a do Leonardo para com aquela que tão benignamente o acolhera. (Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias*, p. 110)

3.18. Feiticeiro, satânico

- Não julguem que fosse negro. Parecia até branco e não fazia feitiços. Contudo, todo o povo das redondezas teimava em chamá-lo de "feiticeiro". (Lima Barreto, *Histórias e sonhos*, p. 50)

- [...] estranha superstição européia de que todo negro ou gente colorida penetra e é sagaz para descobrir as coisas malignas e exercer a feitiçaria. (Lima Barreto, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, p. 100)
- Tem o cabelo castanho e crespo, duas coisas lindas sem dúvida, embora minha paixão seja a trança basta e lisa, negra como uma asa de corvo. Esse negrume dá à mulher o quer que seja de satânico: lembra que ela também gerou-se da terra; não é anjo somente; não é somente filha do céu. (José de Alencar, *A pata da gazela*, p. 5)

3.19. Pedante, boçal

- O estilo culto não é escuro, é negro, e negro boçal e muito cerrado. (Antônio Vieira, *Sermões escolhidos – Sermão da Sexagésima*, p. 6)
- [...] algumas negras boçais (Inglês de Sousa, *O missionário*, p. 36)
- Foi dizendo isto a um petulante crioulo, muito preto, de um preto fosco e desagradável, cabeleira grande, gordurosa, repartida ao alto, e o chapéu a dançar-lhe em cima dela. (Lima Barreto, *Histórias e sonhos*, p. 92)

3.20. Abjeto, miserável, desprezível

- Sou eu quem o teu negro pão consome... // O teu mísero pão, mísero atleta! (Castro Alves, *Obra completa*, p. 22)
- As crianças negras, vermes da matéria (Cruz e Sousa, *Obra completa*, p. 162)
- [...] injuriado, cuspidado, açoitado como um negro (Inglês de Sousa, *O missionário*, p. 42)
- [...] despojos negros da vida (Raul Pompéia, *O Ateneu*, p. 114)
- A gente, para eles, um pouco mais que animais, eram uns negros à-toa. (Lima Barreto, *Histórias e sonhos*, p. 69)

3.21. Nauseabundo, sujo, imundo, podre

- Saem à rua suja de negras e cascas de amendoim. (Alcântara Machado, *Brás, Bexiga e Barra Funda*, p. 31)
- [...] e logo surgiu-lhe em frente a figura nauseabunda e miserável do negro. (Adolfo Caminha, *A normalista*, p. 64)
- Que horror! Ela, mais que depressa, cobrindo o rosto com as mãos, quis fugir, sentindo toda a hediondez daquele corpo imundo, mas o negro deitou-a no chão com força e... (Adolfo Caminha, *A normalista*, p. 64)
- [...] um miserável, um sujo, que não pusera nunca um paletó, e que vivia de cama e mesa com uma negra!” (Aluísio Azevedo, *O cortiço*, p. 8)
- E toda essa miséria, toda essa imundícia, que até então se lhe revelava aos bocadinhos, fazia agora uma grande nuvem negra no seu espírito, porque, gota a gota, a tempestade se formara. (Aluísio Azevedo, *O mulato*, p. 129)
- E o fruto de meus dias, negro, podre, // Do galho eivado rolará por terra! (Fagundes Varela, *Poesias completas*, p. 78)
- Em negra podridão imundos vermes roam-te sempre a crica (Bernardo Guimarães, *A origem do mênstruo*, p. 3)
- [...] misturada com esta corja de negras beíquidas e catingentas (Bernardo Guimarães, *A escrava Isaura*, p. 31)

3.22. Depravado, promíscuo, viciado

- Todos conhecem o modo por que se vestem as negras na Bahia: é um dos modos de trajar mais bonito que temos visto; não aconselhamos porém que ninguém o adote; um país em que todas as mulheres usassem desse traje, especialmente se fosse desses abençoados em que elas são alvas e formosas, seria uma terra de perdição e de pecados. (Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias*, p. 46)
- Era uma rapariga esplêndida, mas tão depravada, tão impoluta que acabou fugindo com um jóquei do Prado pernambucano, um negro! (Adolfo Caminha, *A normalista*, p. 48)
- Na negra esteira dos vícios (Fagundes Varela, *Poesias completas*, p. 135)
- De negros antros coberto // Do negro vício as máximas corruptas! (Fagundes Varela, *Poesias completas*, p. 78)

4. Conclusão

Pelos exemplos apresentados, o lexema *negro*, na função de adjetivo, se associa geralmente a nomes que encerram algum significado pejorativo. Se funciona como substantivo, de modo igual, refere-se a aspectos que depreciam o elemento negro, evidenciando um preconceito fortemente arraigado em nossa cultura. Numa época em que tanto se fala de igualdade de direitos e de respeito à pessoa humana, é imprescindível que se tenha uma consciência da dimensão desse problema, a fim de que de algum modo surjam iniciativas de mudança.

É claro que qualquer tentativa de mudança não deve centrar-se na preocupação exclusiva com o uso da língua. Esta, sendo espelho ou reflexo da sociedade, apenas sugere sintomas do comportamento social. Mas um esforço de conscientização, a partir da revelação desses sintomas, pode desencadear novas atitudes que, ao fim, se refletirão por via de consequência nas formas de expressão lingüística.

Referências bibliográficas

- ALENCAR, José de. *Encarnação*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
———. *Lucíola*. 12ª ed. São Paulo: Ática, 1988.
———. *Iracema*. 24ª ed. São Paulo: Ática, 1991.
———. *O guarani*. 20ª ed. São Paulo: Ática, 1996.
———. *A pata da gazela*. 15ª São Paulo: Ática, 1998.
———. *Ubirajara*. <<http://www.bibliotecavirtual.org.br>>, 2002.
- ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. Rio de Janeiro: INL, 1969.
- ALVES, Castro. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- ARAÚJO, Murillo. *Carrilhões*. <<http://www.bibliotecavirtual.org.br>>, 2002.
- AZEVEDO, Aluísio. *A mortalha de Alzira*. São Paulo: Martins, s/d.
———. *O mulato*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
———. *O cortiço*. 30ª ed. São Paulo: Ática, 1997.
- AZEVEDO, Álvares de. *Macário*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
———. *Noite na taverna*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
———. *Poemas malditos*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
———. *Histórias e sonhos*. <<http://www.bibliotecavirtual.org.br>>, 2002.

CAMINHA, Adolfo. *A normalista*. <<http://www.bibliotecavirtual.org.br>>, 2002.

COSTA, Cláudio Manoel da. *Poemas*. São Paulo: Cultrix, 1966.

CUNHA, Euclides da. *Contrastes e confrontos*. Rio de Janeiro: Record, 1975.

———. *Peru versus Bolívia*. São Paulo: Cultrix, 1975.

———. *Os sertões*. 19ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1946.

DIAS, Gonçalves. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1959.

FERREIRA, Aurélio B. de H. *Dicionário Aurélio eletrônico — século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

GAMA, Basílio da. *Uruguai*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1941.

GUIMARAENS, Alphonsus de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1960.

GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

———. *O ermitão do Muquém*. <<http://www.bibliotecavirtual.org.br>>, 2002.

———. *A origem do mênstruo*. <<http://www.bibliotecavirtual.org.br>>, 2002.

MACHADO, Antônio de Alcântara. *Brás, Bexiga e Barra Funda & Laranja da China*. São Paulo: Unidade Livros, s/d.

MATOS, Gregório de. *Obra poética*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

PENA, Martins. *As melhores comédias de Martins Pena*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. 16ª ed., São Paulo: Ática, 1996.

SOUZA, Inglês de. *O missionário*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1992.

SOUZA, João da Cruz e. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1961.

TÁVORA, Franklin. *O cabeleira*. São Paulo: Três, 1973.

VARELLA, Fagundes. *Poesias completas*. São Paulo: Saraiva, 1956.

VIEIRA, Antônio. *Sermões escolhidos*. São Paulo: Edameris, 1965. v. I e II.